

13-02-2020

A assustadora prevalência do pensamento “zoo lógico” na gestão de pessoas

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Esta breve reflexão, de natureza crítica, e eu diria, crítica com algum humor, foi motivada pelas visitas que habitualmente faço às livrarias especializadas, como, por exemplo, a Livraria da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP). Nelas, busco conhecer através dos títulos de livros, quais são as tendências e os temas sugeridos ou recomendados aos alunos de graduação e de pós-graduação. Os títulos dos livros expostos e supostamente vendidos (e os respectivos conteúdos) são expressões ideológicas do que se ensina, ou, de forma mais simples: de como se tenta fazer a cabeça dos estudantes e profissionais, no caso, de Administração de Negócios, Administração de Empresas, Gestão de Pessoas ou “Recursos Humanos” e áreas afins. Pois bem: além de títulos horrorosos, como estes que fotografei e utilizo em palestras e aulas - *“Odeio Gente - Livre-se dos idiotas do local de trabalho, e faça de seu emprego exatamente o que você quer”* (Jonathan Littman & Marc Hershon) ou *“Scrum: a arte de fazer o dobro do trabalho na metade do tempo”* (Jeff Sutherland & J.J. Sutherland) - vejo o crescente uso (e abuso) de animais do zoológico ou da “arca de Noé”, e até temo que o que se faz com eles na “pedagogia da gestão de pessoas” caracterize ‘maus tratos’. Por ora, aos bichos, coitados... Depois, aos infelizes humanos, quando estimulados, e depois ‘cobrados’ a que se comportem como determinados animais, selecionados como modelos de comportamento, dedicação, submissão, obediência ou desempenho. É bem verdade que o pensamento “zoo lógico” na pedagogia e doutrinação de estudantes e de trabalhadores e trabalhadoras é muito antigo, isto é, quando ainda “se amarrava cachorro com linguiça” (lembram?), ou desde o “tempo em que os bichos falavam...”. Com efeito, a Bíblia está cheia de ensinamentos de interesse geral, onde mais de 50 animais são utilizados ou descritos, isto sem contar os casais que ocuparam a “arca de Noé”. Mas há advertências explícitas aos jovens e aos trabalhadores: “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso...” (Pv. 6:6). Felizmente, nós os preguiçosos e colonistas deste Blog temos o conforto das palavras de Jesus: “Nenhum [dos pardais] está em esquecimento diante de Deus (...) Não temais, bem mais vales do que muitos pardais...” (Lc. 12:6,7). Mas, por certo, as “lições de moral” para crianças, adolescentes, trabalhadores e trabalhadoras foram aperfeiçoadas pelo legendário Esopo, a quem se atribui o clássico “As *“Fábulas de Esopo”* (século VI A.C.), muito citado por diversos filósofos e autores gregos.

Como se sabe, as fábulas de Esopo - repletas de ensinamentos de suposta moral, ética, disciplina, respeito, obediência - foram, mais tarde ampliadas e retrabalhadas pelo poeta e escritor francês, o fabuloso [Jean de La Fontaine](#) (1621-1695), considerado o mais importante fabulista...

Leia-se: com humor e graça, fez os animais tentarem ensinar aos humanos - seus irmãos - os princípios da chamada boa educação, da subserviência, da esperteza, de como levar vantagem, de como se dar bem na vida, num ambiente como o da burguesia francesa da época. Por certo, muitas gerações foram assim doutrinadas, e a “zoo lógica” criou “burros de carga”, “ovelhas”, “cordeiros”, “rebanhos”, “bois de piranha” e outros modelos que interessavam (e continuam a interessar) ao mundo de então, baseado na submissão, na obediência, na subserviência e outras supostas qualidades dos trabalhadores e trabalhadoras. Felizmente, foi impossível conter o desenvolvimento de animais mais rebeldes e alguns que inspiraram os humanos: desde a coruja com sua mítica sabedoria; passando pelas abelhas e formigas, com a sua capacidade de organização; passando pelas serpentes, com a sua proverbial astúcia, e chegando aos mamíferos, bem exemplificados pelos bois - sempre submissos e aplicados ao trabalho - porém, ao não se deixarem castrar (com todos os significados deste termo) recuperam a sua rebeldia.

E este modelo se aplica a outros espécimes da cadeia zoológica, neles incluídos o *Homo sapiens*. Pois, uma das maiores “recrutadoras de recursos humanos” - a Catho - tem publicação de orientação a candidatos e candidatas a emprego, sob o título: *“Que animal você é? Conheça a personalidade dos animais”*. Ela tenta os instruir sobre como responder à pergunta que costuma ser feita nas entrevistas: *“Se você fosse um bicho, qual seria e por que?”* A respeito de cada animal, o site explica as características, positivas e negativas, e como responder frente a questionamentos, posto que podem desagradar os recrutadores... Um verdadeiro “jogo do bicho”, que passa por quase todas as 25 opções, do avestruz (1) à vaca (25)... Porém, antes de encerrar, volto ao desfile de animais na estante da Livraria da FGV, aqui em São Paulo, e aos seus títulos: *“O vendedor Pit Bull: porque crise é para os fracos”* (Luís Paulo Luppá), e *“Vendedor Falcão: visão, velocidade e garra para vencer”* (Marcos Scaldelai), entre outros. Um *post* conclama: “seja mais águia e menos papagaio: o papagaio fala muito e voa baixo; já a águia é silenciosa, mas capaz de alcançar as nuvens”...Na dúvida, faça o curso sobre como ser uma “equipe Pinguim”, isto é: *“fiel, anda em bando, junto; não precisa cobrar para que os prazos se cumpram; metas atingidas; quando surgem problemas, todos assumem...”* Quando os humanos conseguirem inverter tal “zoo lógica” do desempenho, da performance, de um certo “darwinismo social” perverso, para então devolver aos trabalhadores e às trabalhadoras sua humanidade?

Apenas *“Humano, demasiado humano”* (Nietzsche)

OBS: Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.